

EM BUSCA DE LIKES NO AMBIENTE ESCOLAR: estudo das sociabilidades juvenis contemporâneas

IN SEARCH OF LIKES IN THE SCHOOL MIDDLE: study of contemporary youth sociabilities

Edgard Leitão de Albuquerque Neto¹

SEECT-PB: <https://orcid.org/0000-0001-9829-3937>

Vanderlan Silva²

UFCG: <https://orcid.org/0000-0003-4299-0711>

DOI: [10.21680/1982-1662.2021v4n32ID24596](https://doi.org/10.21680/1982-1662.2021v4n32ID24596)

Resumo

Este objetiva discutir como as relações estabelecidas por estudantes de uma Escola de Ensino Médio no ambiente do Instagram influenciam e são influenciadas pelas relações travadas nos ambientes off-line da escola. A presente pesquisa etnográfica foi desenvolvida nestes dois ambientes, simultaneamente. No ambiente virtual através do acompanhamento das postagens, likes e comentários de setenta e três estudantes (73), na plataforma Instagram, sendo 46 do gênero feminino e 27 do gênero masculino. No ambiente escolar analisamos as influências das mídias digitais e o uso de smartphones no cotidiano escolar. Conclui-se que os likes e comentários recebidos nos perfis reforçam a sensação de pertencimento à comunidade de amigos na plataforma Instagram. Demonstra-se ainda, que as redes digitais não podem ser vistas, no contexto da pesquisa desenvolvida, como externas ao universo escolar, mas como parte integrante de seu cotidiano, provocando transformações nas relações que os estudantes estabelecem entre si e com os demais atores da escola.

¹ E-mail: edgardleitao5@gmail.com

² E-mail: vanderlansilva@uol.com.br

Palavras-chave: ambiente escolar, estudantes, Instagram.

Abstract

This aims to discuss how the relationships established by high school students in the Instagram environment influence and are influenced by the relationships established in the school's offline environments. The present ethnographic research was developed in these two environments, simultaneously. In the virtual environment by following the posts, likes and comments of seventy-three students (73), on the Instagram platform, 46 females and 27 males. In the school environment, we analyzed the influences of digital media and the use of smartphones in everyday school life. It is concluded that the likes and comments received on the profiles reinforce the feeling of belonging to the community of friends on the Instagram platform. It is also demonstrated that digital networks cannot be seen, in the context of the research developed, as external to the school universe, but as an integral part of their daily lives, causing transformations in the relationships that students establish among themselves and with other actors in the school.

Keywords: school environment, students, Instagram.

Introdução

Vários jovens se mantêm em pé e equidistantes uns dos outros no corredor da escola, enquanto utilizam seus *smartphones* para se comunicar, concomitantemente, com colegas que se encontram no mesmo ambiente físico, e com outros que estão a dezenas de quilômetros dali. Numa sala próxima, um estudante se debruça sobre a janela, colocando a mão para fora da sala, na qual segura seu *iPhone*, em busca de sinal de *Wi-Fi* em uma rede aberta, que lhe permita “surfear” na internet e assim poder visualizar, curtir, fazer postagens e comentar.

As interações cotidianas no ambiente *on-line* nos possibilitam constatar como o uso das tecnologias digitais, das quais os *smartphones* talvez sejam os símbolos mais evidentes e populares, ajudam a produzir formas de interação entre os estudantes. As mãos quase sempre ocupadas com esses aparelhos digitais, enquanto digitam

mensagens, curtem ou fazem postagens; as cabeças levemente inclinadas em direção às telas dos *smartphones*; paredes demarcadas com perfis de redes virtuais; grupos de estudantes formando círculos onde poucas palavras saem das bocas, enquanto inúmeras são digitadas em seus aparelhos. Nas salas de aula lições escritas nos quadros por professores e professoras ao longo de muitos minutos são captadas em fração de segundos pelas câmeras fotográficas acopladas aos aparelhos digitais.

Essas cenas do cotidiano de uma escola pública de Ensino Médio na cidade de Campina Grande-PB, onde realizamos a pesquisa que serve de base a este texto, ilustram uma realidade comum entre os estudantes. Durante as aulas, por vezes de maneira discreta, outras vezes nem tanto, os aparelhos celulares se fazem presentes. Ora eles podem ser tidos como objetos que atrapalham a concentração dos estudantes, outras como instrumentos que auxiliam na busca de informações através da internet, ou como dispositivos tecnológicos que ajudam a captar, com um clique, as atividades inscritas pelos professores na lousa, e que de outra maneira exigiriam dezenas de minutos de cópia feita à mão. A presença dos *smartphones* nas mãos da maioria dos discentes aponta para novas configurações de relações mediadas pelas redes digitais. Vários trabalhos já analisaram os impactos provocados pelas mídias sociais no mundo contemporâneo, entre eles o de Miller (2019) que as toma como “lugares onde convivemos”. A escola e seus atores não estão alheios a tal processo social, ao contrário, as mídias sociais “povoam” o cotidiano das relações entre estudantes na escola onde realizamos nossa investigação, ajudando a construir seus cotidianos, seja nas relações que estabelecem com familiares e amigos fora da escola, seja na troca de informação com colegas de sala, com professores, com paqueras e colegas de outras turmas.

Durante a pesquisa escutamos de forma recorrente diálogos entre estudantes, nas áreas de livre convivência da escola, mas também nas salas de aulas, nos quais a linguagem do universo digital assumia contornos evidentes: “Qual é teu nome no *Instagram*?”. “Tivesse quantas curtidas?”. “Você viu a postagem que ela fez ontem?”. “Eu recebi uma mensagem que é peso”.

Algumas dessas cenas despertaram a nossa curiosidade e nos fizeram pensar nas pistas propostas por Escobar (2016) e Miller (2014) sobre os impactos das tecnologias e mídias na sociedade contemporânea.

Tomar o *Instagram*, bem como a escola Nelson Mandela³ enquanto ambientes significa percebê-los como mediadores das relações que os estudantes estabelecem entre si, assim como com outros atores sociais, a exemplo de familiares e professores. Rifiotis destaca que “um mediador seria aquele que transforma que atua de modo positivo, interferindo no processo, enquanto um intermediário e como uma ‘caixa-preta’, algo que apenas transporta” (2016:120). Assim, as relações estabelecidas entre os estudantes, escola e *Instagram* exercem influências sobre as sociabilidades praticadas por eles, sem, contudo, determiná-las. Enquanto ambientes elas criam “condições de possibilidade” (Leitão & Gomes 2017:63) de atuação dos atores sociais.

Mas como se constituem as formas de interação entre os estudantes, mediadas pelo uso da mídia social? A ambiência escolar exerce influência sobre os ambientes das redes digitais utilizadas pelos estudantes? E na direção inversa, as relações estabelecidas nos ambientes das mídias sociais influenciam as relações estabelecidas na escola? As relações estabelecidas em cada um desses ambientes se restringem a eles ou se estendem para o outro?

Tendo em mente as questões acima, procuramos analisar as interações dos estudantes na escola Nelson Mandela e no ambiente do *Instagram*.

Este texto está organizado em três seções. Na primeira delas apresentamos e discutimos o contexto de realização da presente pesquisa com estudantes de uma escola pública de Ensino Médio na cidade de Campina Grande-PB. Na sequência abordamos os processos de interação social desenvolvidos pelos jovens através da rede social *Instagram*. Por último, apresentamos os principais resultados das análises das interações sociais estabelecidas pelos estudantes nos ambientes *on-line* e *off-line*.

Etnografia e contexto pedagógico da pesquisa

As interações estabelecidas pelos estudantes da escola Nelson Mandela no *Instagram* se apresentaram como desafios à nossa pesquisa. Como enfrentá-los? Analisar as relações estabelecidas pelos estudantes mediadas pelo espaço escolar e pela mídia *Instagram* se apresenta como desafio contemporâneo à Antropologia, pois isso implica em tomar os usos das novas tecnologias da informação como espaços de expressão das manifestações culturais no mundo atual (Escobar 2016:22).

³ Evidentemente se trata de pseudônimo, assim como o dos estudantes que aparecerão ao longo do texto.

Enfrentar tal desafio implicou em seguir as pistas a partir de dois caminhos cotidianamente trilhados pelos interlocutores de nossas pesquisas. Por que e como realizar investigações nos ambientes virtuais e escolar frequentados pelos estudantes? Para além das imagens e textos curtos postados no *Instagram*, essa mídia é aqui tomada como ambiente amplo, dentro dos quais vários outros são construídos a partir dos interesses e identificações de seus usuários. Desse modo,

Quando falamos em ambientes, referimo-nos a como as plataformas são incorporadas num fluxo de socialidades que não está restrito aos limites técnicos do programa, site ou aplicativo. Dentro de uma mesma plataforma, por exemplo, são identificados diferentes ambientes (Leitão & Gomes: 2017: 62).

A diversidade de ambientes nas mídias sociais deve ser pensada também a partir das relações que seus usuários mantêm com os ambientes *off-line*, pois como veremos ao longo deste artigo, as relações estabelecidas pelos estudantes se fazem em fluxos contínuos entre as relações presenciais na escola e aquelas estabelecidas por meio das redes sociais, e uma exerce influência sobre a outra.

Diante da pluralidade das mídias sociais utilizadas pelos estudantes, vimo-nos diante do desafio de escolher uma ou algumas que nos possibilitasse recortar, delimitar e construir o nosso objeto e o campo de estudo. Mas qual escolher, *WhatsApp*, *Facebook*, *Instagram*? Alguns dos diálogos travados com estudantes nos ajudaram a perceber qual delas mobilizavam mais pessoas. Eis o extrato de um desses diálogos:

- Professor, o senhor tem *Insta*?
- O que é *Insta*?
- *Instagram*, professor!
- Não tenho. Tenho *Facebook*.
- *Facebook* é coisa de velho, professor!

O breve diálogo sugere a importância do *Instagram* para o estudante, ao mesmo tempo em que expressa o lugar assumido pelo professor frente ao olhar do mesmo. Alguém cuja idade e a relação estabelecida lhe permitem ter *Instagram*, mas cuja influência geracional lhe faz preferir o uso de outra mídia social. Lugar de paradoxos, certamente, pois mesmo entre os adultos, o professor assume lugar de “distinção”,

como alguém responsável pela transmissão de conhecimento acumulado de forma sistemática (Singly 2007).

O *Instagram* foi criado em 2010 pelos engenheiros estadunidense Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger. Trata-se de uma mídia de compartilhamento de fotos e vídeos amplamente usado em vários países. Como em outras redes sociais, os usuários podem ajustar suas identificações *on-line* a qualquer momento, fazendo alguns cliques através dos aparelhos digitais. O número de seguidores e de curtidas nas postagens é, com frequência, assumido como evidência da importância de perfis no *Instagram*. Perfis com muitos seguidores e postagens com muitas curtidas tendem a ser vistos por seus pares como sinônimos de sucesso no *Instagram*. A título de exemplo, muitas celebridades dos universos artístico e esportivo são remuneradas pelas postagens que fazem, de acordo com o número de seguidores que possuem e de curtidas que recebem. No sentido inverso, perfis que atraem poucos seguidores e postagens com número reduzido de curtidas são tidos como sinônimo de insucesso e de baixa influência nas redes digitais.

A realização da pesquisa etnográfica ocorreu durante dois anos, no biênio 2018 e 2019 na cidade de Campina Grande que tem população de quatrocentos e dez mil habitantes e está situada a 120 quilômetros da capital do estado da Paraíba, João Pessoa.

Os autores não tiveram dificuldades para obter autorização à pesquisa, uma vez que já eram conhecidos dos estudantes e professores pelo fato de desenvolverem projetos de extensão universitária na escola aqui em tela. A familiaridade com o ambiente escolar e com muitos dos interlocutores também colocou desafios à pesquisa, pois assim como Velho (2013), acreditamos que familiaridade não implica em conhecimento científico e, portanto, restava problematizar certas noções com as quais lidávamos no dia a dia da escola.

Com efeito, a pesquisa “em casa” nos impôs o desafio de “transformar o familiar em exótico” (DaMatta 1978). Durante o processo de pesquisa, mantivemo-nos atentos aos papéis de extensionista, professor e pesquisador. Assumir o papel de pesquisador implicou no enfrentamento de novos olhares e práticas como extensionistas e professor, pois em várias interlocuções com estudantes, nas quais procurávamos compreender suas interações no espaço escolar e no *Instagram*, suas visões e práticas nos revelavam novas possibilidades além das expressões de

resistência à lógica organizativa das ações pedagógicas, que por vezes alimentamos. Os desempenhos nos papéis de extensionistas e agora professor-pesquisador complexificaram nossos olhares, ajudando-nos a construir interpretações a partir de perspectivas plurais.

Boa parte das observações e diálogos foi estabelecida nos intervalos das aulas, bem como durante as atividades pedagógicas. Outras, no entanto, foram realizadas em dia nos quais nos dedicamos exclusivamente às atividades de pesquisa.

Junto com a etnografia realizada no “chão da escola” (Pereira 2017), acompanhamos o perfil de 73 estudantes no *Instagram*. A participação destes estudantes na pesquisa aqui em tela foi devidamente autorizada pelos seus pais/responsáveis e ocorreu ao longo de oito meses, divididos em períodos que contemplavam as atividades de aula e outros nos períodos das férias e recessos escolares. O cotejamento de tais recortes temporais nos permitiu averiguar o grau de influência do calendário escolar sobre as interações no *Instagram*. A primeira etapa de observação e coleta de dados na mídia social ocorreu entre novembro de 2018 e fevereiro de 2019 e a segunda, entre abril e julho de 2019. Nesses intervalos fizemos a coleta sistemática de dados sobre as atividades realizadas pelos estudantes nos perfis acompanhados: postagens, curtidas, número de seguidores e número de perfis seguidos⁴. Um dos objetivos aqui foi de acompanhar e compreender as dinâmicas de uso do *Instagram*, bem como, a constituição das interações sociais entre os seus pares, principalmente com relação à questão do “status” e “prestígio” social os quais estão vinculados diretamente à popularidade e sucesso nas publicações no *Instagram*, como também, pela possibilidade do usuário dessa rede social de ser excluído ou cancelado numa lista de seguidores de outros perfis. Concomitantemente, aplicamos questionários com perguntas abertas e fechadas com os 73 estudantes participantes desta pesquisa, elaborados a partir de três indicadores importantes para as análises do presente objeto de estudo: condições de vida, utilização das TDICs e práticas escolares.

O verbo acompanhar é aqui utilizado no sentido de indicar uma abordagem comum nas pesquisas de etnografia virtual, qual seja de seguir as ações das pessoas no *Instagram* bem como no ambiente escolar (Leitão & Gomes; 2017:53-54). O duplo

⁴ Para nos auxiliar na coleta dos dados dos setenta e três perfis seguidos na plataforma digital, fizemos uso do *software* NVivo.

acompanhamento dos passos dos estudantes no *Instagram* e fora dela, delineia bem o quadro dos ambientes de observação e interlocução com os estudantes da escola pública na cidade de Campina Grande-PB.

O uso da etnografia na pesquisa que serviu de base à elaboração deste texto se justifica pela amplitude de possibilidades que tal método possibilita no processo de pesquisa. Assim, a observação minuciosa do cotidiano dos estudantes no ambiente escolar, buscando compreender suas ações, interações, postagens, curtidas etc., nos conduziu a percepção das teias relacionais (e a consequente produção de significados) nas quais os estudantes estabelecem suas relações nos ambientes *on-line* e *off-line*. Paradoxalmente, o uso de tal perspectiva se justifica ainda por não ser apenas um método, mas uma abordagem que dialoga de maneira profícua com as teorias, tal como observa (Peirano, 2014). Ao mesmo tempo, a etnografia nos permite dialogar não apenas com os dados obtidos no campo de pesquisa, mas pensar criticamente as relações com os interlocutores da pesquisa, problematizando nossas relações com os mesmos, desde a entrada em campo até à elaboração de análises (CLIFFORD, James & MARCUS, George, 2016).

A escola estadual de Ensino Médio Nelson Mandela se situa num bairro central e de classe média na cidade paraibana, razões que atraem número considerável de estudantes de cidades vizinhas nas quais não existem escolas de Ensino Médio ou porque os pais preferem que os filhos estudem numa “cidade maior”. No caso da pesquisa em tela, desenvolvemos nosso estudo com estudantes que têm entre 13 e 17 anos de idade. No entanto, não se trata, evidentemente, de operar uma redução com conceito de juventudes exclusivamente em termos etários, mas de uma fase de educação formal de suma importância para a constituição de suas sociabilidades.

Outra singularidade da escola é o fato de atrair jovens com “performances de classe média” ou que procuram “fugir” dos estigmas que marcam outras escolas públicas da cidade. Os 61 estudantes que residem no município de Campina Grande são oriundos de vinte e três bairros, fato expressivo se considerarmos que existem vinte e sete escolas estaduais de Ensino Médio nos quarenta e nove bairros da cidade. Portanto, a escola Nelson Mandela atende diretamente estudantes de 1/3 dos bairros da cidade.

A “boa reputação” da escola contribui para tal influência junto aos pais e aos jovens oriundos de mais de duas dezenas de bairros. Durante a pesquisa, não

constatamos nem entre os estudantes, nem entre os professores, discursos estigmatizantes recorrentes que associassem os estudantes ao universo da criminalidade ou à ideia de famílias “desestruturadas”, tal como constatado por trabalhos etnográficos realizados em universos escolares, a exemplo dos trabalhos de Pereira (2016) no contexto da periferia paulistana e o de Ferreira (2020), cuja pesquisa foi realizada com professores do Ensino Médio oficial na mesma cidade onde a nossa foi realizada.

Diferente de outras escolas da cidade, a estrutura física da escola Nelson Mandela lembra a de um estabelecimento de ensino “tradicional”. Quem está do lado de fora consegue ver de modo panorâmico sua estrutura física, pois a baixa altura do muro possibilita tal visão. Há portões e controle na entrada, mas nada que lembre as grades que cercam e limitam tudo, como em muitos dos estabelecimentos oficiais e privados de ensino na cidade. A entrada principal dá para uma grande área de estacionamento, tendo à sua frente o ginásio de esporte e à direita os blocos que compõem a estrutura principal da escola. A arquitetura da escola se diferencia do padrão que predomina na maior parte dos estabelecimentos de ensino da cidade. Se os colégios tendem a reproduzir seu entorno, a escola em questão destoa, no aspecto arquitetural, do modelo que nos últimos anos vem ganhando espaço entre os estabelecimentos escolares no país.

Desde o ano de 2017 a escola faz parte do Projeto Escola Cidadã Integral da Paraíba⁵, no qual os estudantes permanecem em período integral no estabelecimento de ensino. Tal como os discentes, docentes dedicam 40 horas semanais às atividades na escola. Para isso, o governo do Estado criou o Regime de Dedicção Docente Integral (RDDI) que concede auxílio pecuniário em troca de tal exigência. Além das atividades de docência, cada professor passou a exercer atividades de tutoria de certo número de estudantes, devendo orientá-los nas atividades escolares e servindo, ao mesmo tempo, como principal elo de comunicação entre escola e família.

Foi neste ambiente escolar que realizamos parte da pesquisa, observando seu cotidiano, seus espaços de interação, as zoações, as chacotas, as paqueras, os conflitos, as postagens nas mídias sociais etc. O ambiente da Escola Nelson Mandela também se estabelece a partir de uma relação de alteridade fundamental, ou seja, das interações entre adultos e jovens, baseada em perspectivas geracionais distintas e

⁵ Tal projeto começou a ser instalado no estado no ano de 2015.

com interesses que flutuam entre convergências e divergências. Ademais, tal cenário social representou um importante desafio a uma prática metodológica que se constitui a partir do contato com grupos e indivíduos plurais (Pereira, 2016:16).

Portanto, tomamos a escola como esse *carrefour*, lugar de encontro e de interações entre diversos atores e atrizes sociais, lembrando que tal universo não se restringe ao lugar físico, mas se estende em consonância com as relações sociais que seus personagens estabelecem, na medida que as têm enquanto referências. Esse é bem o caso de parte das relações que nossos interlocutores estabelecem na rede virtual *Instagram*. “A escola traz, portanto, em si muitas temporalidades juvenis ou que dizem bastante respeito à singularidade dos modos de ser jovem na contemporaneidade” (Pereira, 2016: 109-110). Não se trata, evidentemente, de tomar juventude como grupo compacto unívoco. Longe disso.

“Na verdade, reconhecer a diversidade da juventude não significa desistir do objeto de entender por que a modernidade criou a própria possibilidade de juventude. A criação das juventudes é um dos fundamentos da modernidade, e a existência da multiplicidade quase que incontrolável da juventude é um sinal de que este fundamento assim como outros fundamentos da modernidade, possui suas contradições” (Groppo 200:18).

Para Novaes, “compreender a juventude atual é desvendar o mundo de hoje” (2007:253). Já Pereira (2016) destaca que a juventude deve ser pensada de maneira relacional.

Com efeito, a observação do antropólogo português torna-se pertinente para o contexto de nossa pesquisa, pois,

torna-se necessário que os jovens sejam estudados a partir dos seus contextos vivenciais, quotidianos - porque é quotidianamente, isto é, no curso de suas interações, que os jovens constroem formas sociais de compreensão e entendimento que se articulam com formas específicas de consciência, de pensamento, de percepção e acção (Paes, 1990: 164).

Pensar os jovens dialeticamente equivale a considerar o conjunto de relações que esses estabelecem com os familiares adultos, com professores e funcionários da escola, mas também em considerar as relações que estabelecem entre eles, inclusive as mediadas pelo *Instagram*. E, embora não seja o foco de nossa análise, partimos do pressuposto de que é preciso não perder de vista que a noção de juventudes influencia

e é influenciada por outras perspectivas, tais como as de raça, de gênero, de classe ou fração de classe social, de lugar de residência etc.

Na produção dessas relações que ora tentamos desvendar, os usos das mídias sociais, como o *Instagram*, constituem trilha importante para reconhecer e interpretar as novas formas de interação produzidas por estudantes brasileiros situados na cidade do interior paraibana.

Nesse sentido, a noção de sociabilidade da qual fazemos uso se liga à perspectiva inaugurada por Simmel, ao pensá-la como interação entre pares e aqui consideramos os interlocutores da pesquisa a partir das singularidades que possuem enquanto estudantes na mesma escola e usuários da mídia social *Instagram*. Considerar tais semelhanças entre eles não implica em renunciar a dimensão das diferenças que possuem entre si e que servem para distinguir uns dos outros. Destarte, defender tal postura implica em operar uma torção na perspectiva simmeliana de pensar as sociabilidades pondo relevo ‘apenas’ nos elementos de aglutinação, de sintonia, de positividade. É o próprio Simmel (1995) que em um ensaio *incontounable* demonstra a importância dos conflitos nas relações que os atores sociais constroem cotidianamente.

A (re) construção de redes relacionais no cotidiano dos estudantes

Na pesquisa conduzida junto aos estudantes da escola Nelson Mandela, perguntamo-nos como eles se relacionam através da mídia social *Instagram*. A partir de quais elementos constroem seus perfis virtuais? Quando e por que resolvem seguir alguém na rede digital? Os usos que fazem dessa rede digital produzem efeitos sobre o dia a dia na escola? Existem diferenças qualitativa e quantitativa entre as postagens e visualizações feitas durante o período de aula e aqueles de recesso e férias escolares?

A pesquisa de campo nos revelou que são comuns as situações cotidianas nas quais estudantes se reúnem em grupos para conversar oralmente, ao mesmo tempo em que usam seus smartphones para acessar redes virtuais, responder mensagens, curtir postagens, observar as curtidas de outros usuários em seus perfis. Na imagem 1, a seguir, vemos estudantes em cena comum no dia a dia da escola, acessando a internet durante o intervalo das aulas.

Imagem 1: Estudantes acessando a internet na escola Nelson Mandela.



Fonte: pesquisa de campo (2018).

Interessante constatar que esse grupo de seis alunos retratados na fotografia acessa as redes digitais num ambiente reservado aos professores. A busca por sinal de internet no local serve como mote para que o espaço seja ocupado pelos discentes. A “caça” de sinais de *Wi-Fi* faz com que muitos estudantes se desloquem pelo ambiente da escola em busca de redes abertas que lhes possibilitem ter acesso gratuito, já que nem todos têm internet integrada aos seus planos de acesso ou às suas contas pré-pagas nos *smartphones*. Por vezes, tal busca acaba por produzir cenas como estas em relação a um cotidiano “tradicional” no qual as redes de *Wi-Fi* ainda não faziam parte do cotidiano escolar e onde, ao mesmo tempo, a vigilância de professores e supervisores de disciplinas insistia para que os estudantes permanecessem sentados em suas cadeiras e se mantivessem exclusivamente atentos às aulas.

A imagem 2, a seguir, captada durante uma aula, na qual um estudante procura sinal de internet através da janela aberta ilustra bem as marcas do uso de novas tecnologias. Tal evento revela bem como a mídia social *Instagram*, largamente utilizada por milhões de pessoas no mundo, faz parte do cotidiano relacional dos estudantes de Escola Nelson Mandela, seja através do acesso a partir de suas moradias, seja acessando na escola.

Imagem 2: Estudante busca sinal de wifi em rede aberta a partir da sala de aula.



Fonte: pesquisa de campo (2019).

Em meio à jornada de oito horas organizada a partir de um “tempo estrutural” que normatiza as atividades pedagógicas (Franch & Souza, 2015), os estudantes realizam muitas atividades durante o “tempo vivido”, tal como sugerido pelas autoras, entre elas acessar as mídias sociais e conversar face a face etc.

O uso dos aparelhos de *smartphones* não se restringe às mídias digitais nem tampouco às atividades alternativas à escola. Muitas vezes, os estudantes acessam conteúdos trabalhados pelos professores, enquanto estes trazem explicações sobre determinados tópicos e eventualmente são interrompidos por estudantes que acrescentam informações obtidas através do site de pesquisa de conteúdo do *Google*. Como já mencionado, em várias ocasiões observamos estudantes que fotografavam o conteúdo copiado no quadro pelos professores, fazendo uso de seus *smartphones*.

Obviamente os professores têm posturas distintas frente às ações dos estudantes. Muitos professores de disciplinas variadas incentivam o uso das tecnologias digitais de comunicação para fins pedagógicos, inclusive orientando como fazer buscas mais eficazes para preparação às provas e com o objetivo de apresentar trabalhos em sala de aula. Os professores que orientam a busca na internet em geral fazem uso com frequência das mídias sociais, os levam a perceber tais ambientes como passíveis de serem utilizados nas aulas que ministram. Todavia, para outros professores, a possibilidade de usos de tais ambientes pode se revelar como fonte de conflitos, já

que em muitas ocasiões a utilização das tecnologias digitais em sala de aula pode gerar certa distração nos jovens estudantes.

O “ganho de tempo” proporcionado pela captura instantânea da câmera digital é a justificativa recorrente dos estudantes ao explicarem tal ato. Por vezes o conteúdo captado pelas lentes é disponibilizado para os colegas próximos que não puderam assistir à aula. Os conteúdos mais fotografados são aqueles que não estão nos livros didáticos disponibilizados aos estudantes. Observamos ainda que são os assuntos que irão para a prova ou “valem nota” que despertam maior interesse para a produção de imagens. Não foi possível estabelecer a quantidade de imagens que um estudante produz diariamente com seu *smartphone*. Observamos, todavia que o principal objetivo dessa ação é de otimizar o seu tempo, na medida em que não precisam anotar no caderno no momento que o professor está copiando no quadro. Em geral os conteúdos são compartilhados em grupos no *Whatsapp* para a turma inteira.

As lentes fotográficas são também constantemente acionadas para captar as imagens dos estudantes, seja individualmente ou em grupo. Nessas fotos literalmente são captadas “caras e bocas” que visam servir como registros/testemunhos dos momentos vividos pelos estudantes. A produção incessante dessas fotografias, *selfies*, ajuda a criar um acervo eclético de imagens a serem postadas nos perfis mantidos no *Instagram*.

Na maior parte dos casos acompanhados em nossa pesquisa, as fotos postadas no Instagram não passaram por tratamentos de edição de imagens. Há, entretanto, exceções. As fotos postadas pela estudante Isabel se distinguem das observadas nos demais perfis, destacando-se pelo padrão de qualidade que apresenta. De acordo com a interlocutora, a maior parte das suas fotografias compartilhadas foram produzidas por um fotógrafo profissional e passam por tratamento digital de edição que dura aproximadamente duas horas. Com mais de dezoito mil seguidores em seu *Instagram* e moradora de cidade situada nos arredores de Campina Grande, Isabel obtém patrocínio de comerciantes locais que divulgam seus produtos através do seu perfil, atingindo muitas curtidas a cada postagem. Isabel faz em média duas postagens por dia, perfazendo também em média sessenta por mês. Quantidade superior à dos demais estudantes observados, cuja média é de no máximo de uma postagem a cada quinze dias.

O perfil de Isabel constitui exceção, sem dúvida, mas também um ideal buscado por muitos dos interlocutores que procuram arregimentar novos seguidores e obter notoriedade, cuja mensuração de sucesso se faz através do número de seguidores e das curtidas nas postagens. No *Instagram*, a popularidade é mensurada a partir do número de seguidores e de curtidas que as postagens recebem. Assim, quanto mais uma postagem recebe curtidas, maior é a chance de receber novas curtidas nos momentos subsequentes. Inversamente, quanto menos uma foto ou outra postagem é curtida pelos seguidores, menor será a chance de receber novas interações. Perfis cujas postagens recebem número significativo de curtidas tendem a atrair novos seguidores. O inverso também se produz. Não por acaso, muitos dos interlocutores nos revelaram que, com frequência, fazem “limpezas” em suas postagens, deletando àquelas que receberam poucas curtidas⁶.

Em julho de 2019, o *Instagram* deixou de disponibilizar o número de curtidas para seus seguidores, ficando disponível apenas para os proprietários dos perfis. Essa mudança trouxe consequências para o comportamento dos usuários, que a partir de então não puderam mais, num primeiro momento, visualizar o número de curtidas feitas nos perfis seguidos, os impedindo de mensurar por este viés a “importância” de cada postagem. Todavia, logo a mensuração de “importância” migrou das curtidas, tornadas invisíveis, para os comentários feitos nas postagens.

A mensuração das curtidas pelos usuários foi também um dos caminhos seguidos por nossa pesquisa para perceber a construção dos perfis com impacto junto aos nossos interlocutores. Mesmo após a medida tomada pelo *Instagram*, nós continuamos fazendo uso da mensuração de curtidas, contabilizando-as no próprio *feed* da publicação a quantidade de curtidas. Todavia, demos continuidade à observação dos comentários escritos, considerando que, a partir de então, passaram a ganhar proeminência na construção do status dos usuários. A estudante Isabel, antes acostumada a ter centenas de curtidas (*likes*) em suas postagens, desde a proibição de visualização por terceiros passou a ter oitenta comentários, em média, por postagens - número expressivo e acima da média dos demais interlocutores, que não obtém mais

⁶ A notoriedade nas redes digitais tem ajudado a produzir personagens no mundo ocidental contemporâneo, a exemplo dos chamados ‘digitais influencers’. Entre esses, alguns produzem peripécias para comemorar as conquistas de seguidores. Veja o caso da modelo espanhola Tamara Gorro que posou nua no *Instagram* para comemorar a nova cifra de seguidores. <https://revistamonet.globo.com/Celebridades/noticia/2020/04/mulher-de-zagueiro-argentino-posou-para-para-agradecer-16-mi-de-seguidores-em-rede-social.html>. Acesso em julho de 2020.

do que dois comentários em média.

A manutenção de um perfil ativo requer dedicação por parte de seu proprietário. E isso não ocorre por acaso, mas em consonância com o grau de importância que as interações sociais estabelecidas pelos estudantes através das mídias sociais assumem na vida cotidiana de cada um.

A importância das interações virtuais pode ser medida, ao menos parcialmente, a partir do tempo dedicado a elas diariamente. Entre os 73 interlocutores, 54,8% (o equivalente a 40 estudantes) afirmaram que, após a saída da escola, passam até três horas acessando as redes sociais. Já 34,2%, o que representa 25 estudantes observados, declararam que passam entre três e cinco horas acessando a internet em casa. Entre as motivações apontadas por nossos interlocutores 84,3% afirmaram que o faziam como forma de se divertir (lazer) e para fazer novas amizades, enquanto 5,5% disseram que utilizavam as redes para estudar.

Nas postagens realizadas, curtidas e comentadas, as imagens (sejam fotos, vídeos ou memes) assumem destaque na linguagem comunicacional entre os estudantes, que sugerem comunicações objetivas, claras, sem excesso de texto escrito e nos quais muitas vezes as palavras são escritas de modo abreviado.

A participação no *Instagram* através de postagens não pode ser reduzida a uma caçada de *likes*, mesmo que tal busca tenha sua importância no ambiente do *Instagram*, como de outras mídias sociais. Contudo, é importante considerar que mais do que busca de conquistas pontuais, trata-se de entender que através dela cada interlocutor consegue, efetivamente, sentir-se membro de uma rede de interações e isso provoca o que o psicanalista destaca: “A satisfação em se sentir aprovado e admirado é um item indispensável para o equilíbrio emocional de todos nós” (Costa 2004:80).

A noção de comunidade com a qual trabalhamos aqui decorre daquela cunhada por Tonnies, segundo a qual a comunidade se forma a partir de “sentimentos partilhados e crenças comuns” (Schmitz 1995: 177). Todavia, pensando a partir do contexto relacional de nossos interlocutores, a existência prévia de laços de parentesco e de amizade não constituem condição *sine qua non* para a participação no *Instagram*. De outra forma, o termo comunidade é aqui empregado como uma “unidade ilusória”, no sentido de que permite a junção de indivíduos que partilham de algumas perspectivas comuns, embora possam divergir em muitas outras,

aproximando-se da noção de tribos urbanas, cunhada pelo sociólogo Maffesoli (2014) para indicar a formação efêmera ou não, de grupos que se formam em torno de eventos, cuja filiação e permanência são asseguradas de maneira tênue, provisória, por vezes intermitente, outras, de modo regular e por longo período. A noção de tribo urbana parece servir bem para pensar os vínculos que os estudantes da Escola Nelson Mandela mantêm no ambiente do *Instagram*.

A participação ativa no *Instagram* requer atenção e cuidados permanentes dos usuários. A escolha de um “bom” nome para o perfil é um dos primeiros desafios a serem enfrentados, pois um perfil com nome que soe bem e que seja de fácil memorização pode facilitar a atração de novos amigos. Pelo que podemos observar, a maioria dos perfis é elaborada a partir de nomes ou apelidos pelos quais os usuários são conhecidos, na frente dos quais acrescentam @.

Assim, divulga-se o nome do perfil na lousa, nas paredes da escola, nas carteiras, em portas e janelas. Não há junto aos perfis escritos quaisquer mensagens que explicitem convite. As indicações dos perfis ali feitas parecem ser suficientes para conquistar novos seguidores.

Nesses caminhos para ampliação do leque de seguidores na comunidade do *Instagram*, juntam-se outras possibilidades, por vezes negociadas diretamente entre os interessados. Em várias ocasiões no cotidiano da escola escutamos diálogos entre alguns de nossos interlocutores sobre as trocas possíveis de serem realizadas: “Se eu te seguir, você me segue de volta?”, indagou um estudante. O estabelecimento dessa possível aliança se dá como consequência e extensão das relações já existentes no mundo *off-line* para o universo *on-line*. Não por acaso, no levantamento que fizemos 51,4% dos estudantes declararam que gostam de seguir mais os amigos, ao passo que 24,3% declararam que preferem seguir perfis de pessoas famosas.

No seu indelével estudo “Grupos étnicos e suas fronteiras”, Barth (2011) destaca a importância do autoconhecimento e do reconhecimento de outros como condições importantes para que os indivíduos se sintam pertencentes aos grupos étnicos. Mesmo guardando diferenças de contextos em relação ao estudo empreendido por Barth, essas duas categorias podem nos ajudar a pensar as configurações relacionais estabelecidas por nossos interlocutores no universo *on-line*. Ser notado, aceito, seguido e reconhecido nessa rede digital implica em se auto identificar e ser identificado como membro do grupo de pessoas que interagem no *Instagram*. Ao

propor “se eu te seguir, você me segue de volta?” está se propondo a junção a um grupo. A extensão da relação na esteira que liga as relações face a face às relações virtuais no mundo contemporâneo juvenil reforça e amplia as interações estabelecidas pelos estudantes de um ambiente para outro. Tal proposta de aliança estabelece nexos de reciprocidade, onde cada um assume responsabilidades no ciclo das relações virtuais. Dar (seguir) vem acompanhado da possibilidade de receber (ser seguido) de outrem tratamento semelhante, que por sua vez estimula a permanência do ciclo relacional mediante atividades de reciprocidade (dar likes, comentar...). Aceitar o convite para seguir alguém no *Instagram* implica em estabelecer relações e, por conseguinte, assumir responsabilidades com outros membros. Como bem nos lembra Mauss (1974) em seu seminal estudo sobre as trocas, negar-se a dar ou se negar a receber equivale a renunciar às relações com determinados indivíduos e/ou grupos. Entre nossos interlocutores, a renúncia de seguir alguém pode trazer consequências não apenas às teias relacionais do *Instagram*, com a ausência de curtidas, *likes* e comentários, mas também para as relações no cotidiano escolar, no face a face.

A importância das interações no seio do *Instagram* se faz notar também nas relações que esses estabelecem com suas redes de parentes. Entre os estudantes, boa parte afirmou que segue seus familiares na rede por conta da “maior” intimidade e para “saber se estão bem”. Maior intimidade e saber se estão bem se apresentam nesse contexto como “obrigações” de interagir com pessoas com as quais a existência prévia de relações propõe (impõe) a necessidade de sua extensão no *Instagram*. Já os estudantes, quando indagados sobre quais os principais motivos para aceitar ou rejeitar a solicitação de um seguidor no *Instagram*, a maioria (80%) afirmou que dava preferência às pessoas já “conhecidas” no *off-line*, enquanto 19,2% indicaram que se relacionavam com pessoas que não conheciam pessoalmente, mas exclusivamente através da rede digital, entre eles personalidades ‘*digital influencers*’ e artistas.

No seio do *Instagram* existem singularidades e diversidades comportamentais, sobre as quais os marcadores sociais de gênero exercem influências. No estudo sobre “a invisibilidade feminina nas (sub) culturas juvenis”, Wivian Weller (2006) destaca a lacuna existente sobre a presença feminina nos estudos sobre juventude. No nosso estudo, entre os setenta e três interlocutores da pesquisa, vinte e sete são do gênero masculino e quarenta e seis do gênero feminino. A análise das postagens mostrou que as estudantes são bem mais ativas no uso do *Instagram* do que os rapazes, não apenas

em razão do maior número de interlocutoras do gênero, mas também na média das atividades de postagens, comentários e curtidas realizadas por elas.

A tabulação de inscrições dos nomes no *Instagram* nas dependências da Escola Nelson Mandela (Tabela 1 abaixo), considerando-se o gênero dos estudantes revelam que 68,1% dessas inscrições são de nomes de jovens do gênero feminino e 31,9% são nomes do gênero masculino. Tais dados indicam maior valorização do uso do *Instagram* para as garotas.

Tabela 1: Quantidade de inscrições dos nomes dos estudantes no *Instagram* nas paredes da escola por gênero.

Gênero	Frequência	Porcentagem
Feminino	158	68,1
Masculino	74	31,9
Total	232	100,0

Fonte: autoria própria (2019).

Essas podem ser pistas importantes, que entre outras possibilidades indicam o protagonismo feminino nas interações virtuais no *Instagram*. Resta igualmente o desafio de se abrir novas veredas investigativas nos ambientes das mídias sociais que analisem as influências dos marcadores de raça, classe, religião, entre outros.

Considerações finais

Neste artigo discutimos as sociabilidades de estudantes de uma escola pública na cidade de campina Grande-PB, estabelecidas nos ambientes *off-line* da Escola Nelson Mandela e no ambiente *on-line* do *Instagram*. Procuramos analisar como as interações sociais estabelecidas nesses ambientes se influenciam mutuamente. Para isso, investigamos como os usos da mídia social se dão no ambiente da escola e como estudantes e professores lidam com essas inovações. Paralelamente, procuramos investigar como os estudantes constroem seus perfis no *Instagram*, quais elementos utilizam para arregimentar seguidores e para ganhar importância crescente na rede digital, através de *likes* e comentários recebidos nas postagens realizadas.

A internet e seus múltiplos ambientes compõem boa metáfora da contemporaneidade, pela plasticidade de uso que possibilita, pela liquidez de muitas

das relações que ajuda a estabelecer (Bauman, 2007). Multiplicidade que implica em ordenações. A internet não é governada pelo caos. Aliás, o caos nada governa. Nela muitas ordenações são criadas, com configurações específicas e amplas possibilidades. O *Instagram* é exemplo do estabelecimento de organização, sinônimo de ambiente e de cenário sobre o qual se desenvolvem ações dos estudantes, a partir de regras propostas pela plataforma e (re) criadas pelos usuários.

Ao participarem do *Instagram* os estudantes da escola Nelson Mandela se sentem pertencentes de grupos nos quais reencontram muitos dos já conhecidos amigos da escola e da família, demonstrando o permanente fluxo entre as chamadas relações *on-line* e *off-line*. Tal constatação demonstra o quanto as relações estabelecidas nesses ambientes se alimentam mutuamente. Embora *Instagram* e escola sejam ambientes distintos e autônomos, as trajetórias percorridas pelos estudantes neles fazem com que um exerça influência sobre o outro. Assim, no ambiente da escola se frequenta o *Instagram* para conversar com colegas estudantes sobre distintos temas, inclusive sobre a escola, que aparece com frequência como cenário físico de muitas das *selfs* postadas. Em casa, curtem-se postagens, são feitos comentários e se dão *likes* em postagens de amigos da escola. Como as constatações explicitadas ao longo deste texto durante as férias e recesso escolares, as postagens, *likes* e comentários diminuem substancialmente nos perfis dos estudantes. Não por acaso, pois como vimos, o tempo e as relações estabelecidas na escola pelos estudantes estão entre as mais significativas de suas vidas, pois mobilizam boa parte dos interesses e de suas as ações.

Na escola Nelson Mandela a presença de *smartphones* e o uso de redes digitais, a exemplo do *Instagram*, representam evidências de como temas e ambientes antes considerados externos ao “universo” escolar vem ganhando espaço e ajudando a transformar as relações entre seus sujeitos.

Referências

- BARTH, Fredrik. 2011. “Os grupos étnicos e suas fronteiras”. In: POUTNAT, Philippe. **Teorias da etnicidade: Seguido de "grupos étnicos e Suas Fronteiras"**. São Paulo: Unesp.
- BAUMAN, Zygmunt. 2007. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editores.
- COSTA, Jurandir Freire. 2004. “Perspectiva da juventude na sociedade de mercado” In: NOVAS, Regina & VANNUCHI, Paulo. **Juventude e Sociedade**. Trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- CLIFFORD, James & MARCUS, George (Orgs.) 2016. **A escrita da cultura. Poética e política da etnografia**. Rio de Janeiro: EdUERJ: Papéis selvagens Edições. p. 207-236.
- DAMATTA, Roberto. 1978. “O Ofício do Etnólogo ou como ter Anthropological Blues”. In: Nunes, Edson (Org.). **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. p. 25-35.
- FERREIRA, Denise Cristina. 2020. **O Ethos do professor da educação básica em Campina Grande-PB na contemporaneidade**. Tese. Universidade Federal de Campina Grande.
- FRANCH. Mônica & SOUSA, Josilene Pequeno de. 2015. *Relógios, calendários e telefones celulares: uma etnografia na hora certa em um colégio*. **Revista Vibrante**, Virtual Brazilian. Anthropical. vol.12 n.2 Brasília. pp. 1-9. Acesso: <http://www.vibrant.org.br/wordpress/wp-content/uploads/13Clocks.pdf>
- ESCOBAR, Arturo. 2016. “Bem-vindos à Cyberia: notas para uma antropologia da cibercultura”. In: SEGATA, Jean & RIFIOTIS, Theophilos (Orgs). *Políticas Etnográficas no Campo da Cibercultura*. Brasília: ABA Publicações; Joinville: Editora Letradágua. pp. 21-66.
- GEERTZ, Clifford. 1989. “Um Jogo absorvente: Notas sobre a briga de galos balinesa”. In: **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- GROPPO, Luis Antonio. 2000. **Juventude. Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas**. Rio de Janeiro: Difel.
- LEITÃO, Débora K. & GOMES, Laura Graziela. 2017. *Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões*. **Revista Antropolítica**, nº 42, Niterói. pp. 41-65. Doi: <https://doi.org/10.22409/antropolitica2017.1i42.a41884>
- MAFFESOLI, Michel. 2014. **O tempo das tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 5ª ed. São Paulo: Forense Universitária.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. 2015. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes e redes**. 2. ed. - Petrópolis: Vozes.
- MILLER, Daniel et al. 2019. **Como o mundo mudou as mídias sociais**. London: UCL Press.
- MAUSS, Marcel. 1974. “O Ensaio Sobre a Dádiva”. In: *Sociologia e Antropologia*, com introdução de Claude Lévi-Strauss, São Paulo: EPE.
- MILLER, Daniel et al. 2019. **Como o mundo mudou as mídias sociais**. London: UCL Press.
- NOVAES, Regina. 2007. “Políticas de juventude no Brasil: Continuidades e rupturas”. In: FÁVERO, Osmar; SPÓSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo; NOVAES, Regina Reys (Orgs), **Juventude e contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, AMPEd. 253-281.
- PAIS, José Machado. 1990. “A construção sociológica da juventude - alguns contributos” In: **Análise Social**. Vol. XXV (105-106), (1º, 2º), 139-165.
- PEIRANO, Mariza. 2014. **Etnografia não é método**. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104->

[71832014000200015](https://doi.org/10.1590/S0104-71832017000300006)

PEREIRA, Alexandre Barbosa. 2016. “A maior Zoeira” na escola. *Experiências juvenis na periferia de São Paulo*, São Paulo: Editora Unifesp.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. 2017. *Do controverso chão da escola às controvérsias da etnografia: aproximações entre antropologia e educação*, Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 23, n. 49, p. 149-176, set./dez. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832017000300006>

REGUILLO, Rossana. 2007. “Las culturas juveniles: Un campo de estudio; breve agenda para la discusión”. In: FÁVERO, Osmar; SPÓSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo; NOVAES, Regina Reys (Orgs), *Juventude e contemporaneidade*, Brasília: UNESCO, MEC, AMPEd. pp. 47-70. Acesso:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/ws3yrDqQvbm7P4pgdNpXwHb/?format=pdf&lang=es>

RIFIOTIS, Theophilos. 2016. “Desafios Contemporâneos para a Antropologia no Ciberespaço: o lugar da técnica”. In: *Políticas Etnográficas no Campo da Cibercultura*. Brasília: ABA Publicações; Joinville: Editora Letradágua, pp. 115-128.

SCHIMITZ, Kenneth L. 1995. “Comunidade. A unidade ilusória”. In: MIRANDA, Orlando de. *Para ler Ferdinand Tonnies*, São Paulo: Edusp. 177-193.

SINGLY, François de. 2007. *Sociologia da família contemporânea*, Rio de Janeiro: Editora FGV.

SIMMEL, Georg. 1995. *Le Conflit*. Paris: Editions Circé.

_____, Georg. 2009. “A sociabilidade (Exemplo de sociologia pura ou formal)”. In: *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar In: *Um antropólogo na cidade*, Rio de Janeiro: Zahar, pp.69-79.

WELLER, Wivian. 2006. “A invisibilidade feminina nas (sub) culturas juvenis”. In: COSTA, Márcia Regina da & SILVA, Elizabeth M. da. *Sociabilidade juvenil e cultura urbana*. São Paulo: Educ. Acesso:

<https://www.scielo.br/j/ref/a/Jvr5ZXMfgTRHQvRGmwXzJkc/?lang=pt&format=pdf>

Recebido: 19 mar 2021

Aceito: 09 set 2021